

Seção Especial

A Novella Paranaense. O Mais “Arrojado” Empreendimento Literário do Paraná nos Anos 20.

Regina Elena Saboia Iorio*

Palavras-chave

História da Literatura no Paraná
Empreendimentos literários no
Paraná
Literatos e literatura paranaense na
década de 20.

Keywords

History of literature in Paraná
Literary enterprises in Paraná
Literature and writers in Paraná in the
1920's.

Resumo

Na década de 20, em Curitiba, os literatos Rodrigo Júnior e Octávio Sá Barreto lançaram um importante empreendimento editorial. Tratava-se da “A Novella Mensal”, mais tarde rebatizada como “A Novella Paranaense”. A editora pretendia lançar livros em prosa, especialmente romances e novelas produzidas por autores paranaenses, impressos com acabamento esmerado, com capas coloridas desenhadas por artistas de renome, que seriam vendidos a preços bastante módicos. A finalidade do empreendimento era disseminar o hábito da leitura e popularizar o livro no Paraná. A proposta deste artigo é descrever a trajetória desta editora, descrevendo os sete livros que publicou, a sua campanha pela popularização da leitura e, principalmente, a movimentação literária que ensejou na cidade durante os quatro anos de sua existência.

Abstract

In the 1920's, in Curitiba, writers Rodrigo Júnior and Octávio Sá Barreto began an important publishing enterprise; the “A Novella Mensal”, later renamed as “Novella Paranaense”. The Publishing house intended to launch books in prose, mainly novels and romances, written by local writers, printed with quality, with colorful covers, drawn by known artists, which could be sold at low prices. The purpose of the enterprise was to spread reading habits and make books popular in Paraná. This article tries to describe the story of this publishing house, the seven books it actually published, its campaign to popularize reading and, mainly the literary agitation it made in the city during its four year existence.

Biografia

* Historiadora - Doutoranda do curso de Pós- Graduação em História da UFPR, onde brevemente apresentará a tese “Intrigas e Novellas – literatos e literatura em Curitiba na década de 20”, desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Magnus Roberto de Mello Pereira.

Uma Inusitada Agitação

“Vida Nova

1925!

1º do ano! A multidão acotovelada apinha-se na Rua 15.

Soa no mostrador da Catedral, pesadamente a badalada 1ª das 24 horas em 31 de dezembro de 1924! Bimbalbam os sinos em repicados alegres: ininterruptamente silvam de todos os lados os apitos de máquinas várias; elevam-se foguetes no ar e espoucam bombas e morteiros; nervosamente batem as campainhas das casas de diversão; ensurdecidamente em infernal barulheira gritam as sirenes dos automóveis. De toda a parte urrahs, vivas, canções carnavalescas – O Corso é imponente, entrelaçam-se as serpentinhas e tramam-se os combates de lança-perfume.

O jazz band furibundo não cessa nos salões das sociedades. O desconchavado de suas peças anarquizadas, pares entrelaçados muito unidos, rodopiando ou caminhando nas modernas danças, de um moderno e antecipado futurismo. Abraços, protestos de venturas mútuas, fitas! “ (Comércio do Paraná, 3/01/1925, p. 4, Afonso G. CORREIA)

Desde o seu início, o ano de 1925 trouxe uma inusitada agitação a Curitiba. Por todos os lados havia um intenso movimento de operários construindo “bungalovs” para os ricos burgueses e obras de embelezamento e melhoramentos urbanos, fazendo com que a cidade mais parecesse um grande canteiro de obras. Novos estabelecimentos comerciais e industriais surgiam e muitos ampliavam e modernizavam suas instalações. Aviões aterrizavam e partiam com frequência dos campos afastados do Portão em fantásticos ‘raids’ aéreos. Um número crescente de “Fords” e

bondes apinhados de passageiros percorriam velozmente as ruas. Para dar vazão ao incremento do tráfego e atendendo a reiterados pedidos da população, iniciava-se a compra e desapropriação de terrenos para o alargamento da Rua 15 de Novembro, anunciando-se para breve seu asfaltamento.

Nessa mesma rua, o “footing” entre a Universidade e a Praça Osório aumentava no final da tarde. Operárias e funcionárias seguiam apressadas em direção às suas residências ou ao encontro dos rapazes. Senhoras e senhoritas da sociedade passavam em direção as primeiras sessões do “Mignon” e do “Palácio”, enquanto os “almofadinhas” e intelectuais dirigiam-se aos cafés para saber às últimas novidades. Bandos de universitários, gárrulos, apoiados nas vitrines das grandes “magazines”, que proliferavam no centro, observavam a passagem das “melindrosas”. Nas esquinas, os jovens aficionados pelo esporte discutiam as últimas partidas de futebol e tênis e as vitórias no boxe, turfe e automobilismo. Nesse mesmo horário, a Rádio Clube Paranaense - PRB2, instalada no último andar do Clube Curitibano, tocava matinês de jazz e maxixe.

A capital paranaense passava por intensas mudanças que faziam com que ela perdesse seus contornos pacatos e provincianos para se tornar uma “moderna urbe”. E, assim como a feição da cidade, os hábitos, a moda e o ritmo de vida dos seus habitantes transformava-se aceleradamente.

“(…)hoje trata-se de simplificar e andar depressa.

Veja-se por exemplo o chapéu das senhoras: uma

cúia, sem mais sem menos, que elas enterram até as orelhas, de modo que o vento não as arranque, dispensados os antigos grampos e pregadores; cabelos a La Garçonne...É só levar o côncavo da mão, em concha, como quem toma o peso dos cabelos, levantá-los sobre as orelhas, deixá-los cair naturalmente e o penteado está feito. Até os fabricantes dos grandes pentes de tartaruga e outros coriáceos caros ameaçam falência universal, tão grande foi a queda de consumo.

Nos homens o colarinho mole, fácil de engravatar; as camisas sem goma; um cinto em substituição ao colete; calças dobradas na bainha, para não fazer perder tempo em acertá-las à altura do salto do sapato, e a palbeta(...)Tudo simples e rápido.

Se é assim no vestuário, os hábitos também estão simplificados. Com a dificuldade de criados, coisa complicadíssima como uma operação cambial tratada por deputados financeiros, suprimiu-se, geralmente, uma das refeições: come-se comida de sal, uma vez por dia. E no mais é chá com torradas, feitas no torrador elétrico, que é aseado. Chá de mate, que adquirir da Índia é problema bem mais complicado que o de resolver a questão dos criados.

Para não haver trabalho, simplifica-se a vida doméstica, os filhos pequenos são mandados para o jardim de infância e os mais velhos internados nos colégios.(...)

A marcha para os ideais simplistas traduzidos nessa pressa, nesse correr obsessante, também se verifica nos hábitos de sociedade, especialmente nas danças. Da porta do salão o elegante levanta o rosto olhando para a moça, faz um sinal com o olho direito, ou o esquerdo, que esta questão do olho ainda não está regulamentada, e a dama se dirige para o cavalheiro que para ela se dirige, encontram-se, enlaçam-se e saem no passo do shimmy. Terminada a partida coreográfica, separam-se singelamente, simplesmente, às pressas, e cada um que cave um lugarzinho para

esperar a repetição do mesmo sinal. Nem um ademanes, nenhuma palavra(...)

A vida doméstica, não escapa aos ideais da época. Terminado o jantar, quando há, na mesa, após o café, que é para poucos, o sujeito lê os jornais da tarde, enquanto a esposa acompanha as espirais do cigarro turco. Terminada a leitura e o cigarro, cada qual toma o seu chapéu e juntos saem: ele para o clube, tentar a sorte, ela para o cinema, apreciar aquelas disparadas de cavalheiros que igualmente dispararam revólveres, de três mil tiros seguidos, sem parar, sem interrupção, às pressas. Quando voltam já um largo pedaço da noite correu, já um dia mais está passado, vertiginosamente. No dia seguinte, repete-se a mesma carreira.(...)”¹

O ambiente cultural curitibano também estava em grande eferescência. Muitos artistas surgiam e os já consagrados mostravam suas novas produções. A mulher ingressava definitivamente no “mundo das artes”, revelando nomes femininos na poesia, no teatro, na música e especialmente na declamação - as muitas “dictrizes”.

Nesse ano, a famosa “disease” Margarida Lopes de Almeida, o conferencista e pintor paulista Ângelo Guido e a Companhia de Comédias Iracema de Alencar, do Rio Grande do Sul, entre outros, visitaram a capital e apresentaram-se nos seus salões e teatros sempre com audiência completa. O público lotou também as principais salas de cinema para prestigiar o filme “Atualidades paranaenses”, película totalmente filmada e produzida no Estado por João Batista Groff, primeira pro-

¹ Sonhadores. O Dia, Curitiba, 25 set. 1924. p. 1.

dução da sua recém criada indústria cinematográfica.

Na pintura, o mestre Alfredo Andersen a sua ex-aluna Amélia de Assumpção inauguraram exposições individuais e o pintor Curt W. Freyesleben retornava à cidade após concluir seus estudos no Rio de Janeiro. Na escultura, repercutia bastante o sucesso de João Zacco Paraná na Capital Federal, enquanto João Turim apresentava suas novas produções aos curitibanos.

O violinista Léo Cobbe, seguidor confesso da “Arte Moderna”, partia em direção ao norte do país para uma bem sucedida série de concertos e a jovem Bianca Bianchi realizava grandes progressos na difícil arte musical, merecendo uma bolsa de estudos para o exterior.

Nas letras, Alceu Chichorro e Carlos de Bonhomme editaram a revista “A Máscara”. Foram publicadas também algumas obras importantes da literatura paranaense, em sua maioria, às expensas dos próprios autores. Entre elas, destacaram-se a novela espírita “Emy” do acadêmico Santa Ritta, “A trança loura” do seu colega Dario Velloso, e os romances “Seara Morta” e “Terra dos Pinheiros”, dos jovens Jayme Ballão Jr. e Eurico Branco Ribeiro, respectivamente. Tais edições receberam boas atenções da crítica local, mas, sem dúvida, o mais festejado lançamento foi “Fora de Foco- caricaturas e flagrantes”, do estimado escritor curitibano Leocádio Correia. Léo Júnior, como era popularmente conhecido, divertiu bastante os leitores com seus “causos” engraçados e com as ilustrações dos “conhecidos e inspirados lápis de BOERMAN, caricaturista belga e dos patrícius

SYLVIO (Aureliano Silveira), HERÔNIO (Mário de Barros) e ELOY (Alceu Chichorro)”.²

“Com encantadora verve e fidalga ironia Léo Júnior escreveu mais um volume que deve marcar época na literatura regional ‘Fora de Foco’, ao contrário do que o título dá a entender, é um volume traçado no estilo mais moderno e apurado, nada devendo às obras de Mendes Fradique e D. Xiquete. Alegra-nos este novo rumo que vai tomando a nossa literatura, abandonando as ironias do Conselheiro XX, imitadas por muitos, que na ‘Descoberta do paraíso’ de Oliveira Souza, desceram ao cúmulo do cinismo. O presente volume embora escrito num estilo muito diferente das “Silhuetas” é complemento daquele...pela natureza dos personagens.(...)”

O autor revela apenas os pequenos senões de conhecidos personagens da elite curitibana, numa verve de salão, elegante e inofensiva. ‘Fora de foco’ é um livro que se lê de um fôlego em constante bom humor. Suas páginas sucedem-se com uma graça perene e uma encantadora simplicidade. São crônicas ligeiras, adequadas para desopilar os espíritos fatigados do labor quotidiano. A obra é ornada de interessantes gravuras de conhecidos figurões, com trocadilhos originais, que lhe dão um aspecto deveras atraente.

É um livro que deve agradar a todos, as crianças pelas suas numerosas caricaturas e sua simplicidade, a mocidade pelo chiste que encerra em todas as páginas e a velhice pela sua leitura sadia e as boas ‘tesouradas’ nos defeitos do próximo.”³

Aos literatos que não conseguiam arrecadar dinheiro suficiente para a publicação de seus livros restavam as colunas destinadas às

letras nos periódicos locais. Aliás, o número de jornais circulando diariamente na capital acabava de aumentar com a criação de “O Estado do Paraná”. Pelas folhas diárias, os jovens “Futuristas” curitibanos, em sua maioria ainda inéditos, conseguiam dar publicidade as suas mais recentes produções, procurando obter o reconhecimento de seu talento no competitivo “mercado literário”. Eram, geralmente, versos livres, sem métrica ou rima, que retratavam fatos banais da vida de maneira peculiar.

“Pelo futurismo - Para o Nestor Erickson

*Sentei-me na traseira, ela no segundo banco
Atraía inúmeros ‘pingentes’*

Joguei o toco do charuto fora e fui sentar

De costas para o futuro

Olhei-a, olhou-me

Maravilha!

Senti logo em seguida

Um ‘direto’ brutal no coração

Voltei ao ‘ring’

O condutor nos apartou de um ‘clinch’

Dei-lhe uma pratinha para que se fosse;

O relógio marca duas pancadas de 200 réis

Bateu o ‘gongo’; novo ‘clinch’

Desta vez foi a polícia que apartou

Terceiro, último ‘round’ -.

Na atordoação do último ‘uppercut’

Vi a sua axila mimosa, cor de mármore

E o seu alvo bracinho levantado

Pela mão peluda do ‘juiz’

...8 - 9 - 10...nô cant!”

G. TAVARES.⁴

Além dos versos, apareciam produções

em prosa, ora mini-contos ora ensaios sobre os mais candentes temas do momento, como por exemplo a questão do ensino leigo versus o ensino católico. Não cessavam também às “blagues” à Academia de Letras do Paraná, considerada por esses jovens “templo do passadismo”, como esta sobre a passagem do seu aniversário de criação:

*“Parece que no outro dia
Fez anos a Academia
Que de Letras, nome tem...
Esse registro esta torto
Pois então quem nasce morto
Conta seus anos também?”⁵*

Os debates acirrados entre “passadistas” e “futuristas” ampliavam ainda mais o espaço destinado à literatura na imprensa local, aparecendo muitos artigos favoráveis ou contrários aos ideais de renovação estética que se difundiam pelo país. No “Comércio do Paraná”, por exemplo, que por esses tempos havia passado para o comando de Pedro Lagos, Jurandir Manfredini e Aló Guimarães - participantes ativos do modernismo, ficaram famosas as “enquetes”. Na primeira delas, escritores consagrados e intelectuais paranaenses responderam a quatro perguntas sobre a “Escola de Marinetti” e na outra, a “nova geração de homens de letras”, discorreu sobre suas preferências e influências literárias.

Da mesma forma, Mário Graciotti, pela

² “Fora de Foco – Caricaturas e Flagrantes”. *O Dia*, Curitiba, 14 mar. 1925, p. 2.

³ SILVEIRA, Ribas. “Fora de foco”. *O Dia*, Curitiba, 1 out. 1925, p. 2.

⁴ TAVARES, G. “Pelo futurismo”. *Gazeta Do Povo*, Curitiba, 5 out. 1925, p. 6.

⁵ “A Semana Cômica” (redigida por I. do Serro Azul e Alceu Chichorro). *O Dia*, Curitiba, 12 abr. 1925. p. 1 Citada também, por BÓIA, Wilson. A antiga Academia de Letras do Paraná (Nascimento, evolução e Ocaso) in *Revista da Academia Paranaense de Letras*, Curitiba 59 (34), jun. 1995 pp. 57-78.

coluna “Paulistanas” do jornal “O Dia”, comentando a “Arte Moderna”, entrevistando os expoentes do modernismo brasileiro, que endereçavam palavras de incentivo aos jovens curitibanos, era um importante divulgador desse movimento.

Aproveitando esse momento de intensa efervescência cultural, quase no fechamento do ano, os literatos e amigos Rodrigo Júnior e Octávio Sá Barreto anunciaram a criação de uma editora de livros de escritores paranaenses. Tratava-se da empresa “A Novella Mensal”, mais tarde rebatizada como “A Novella Paranaense”.

A Novella Mensal

Embora os primeiros empreendimentos literários criados no Paraná não tenham obtido o êxito desejado, persistia entre os intelectuais locais a idéia de criação de uma empresa para a edição dos livros paranaenses. Assim, em fins de 1925, Octávio Sá Barreto⁶ e Rodrigo Júnior⁷ resolveram arriscar e colocar novamente em prática a idéia, fundando a editora “A Novella Mensal”.

Essa empresa pretendia publicar livros exclusivamente de escritores paranaenses, independentemente de escolas ou estilos literários. A preferência era por obras em prosa - contos, romances ou novelas. Tal escolha decorria da percepção de que este gênero teria mais aceitação do público, facilitando as vendas. Relacionava-se também ao fato do Paraná não ter sido ainda o berço de nenhum prosador de renome, embora tivesse vários poetas consagrados nacionalmente. A revelação deste “romancista” pela empresa poderia lhe dar grande impulso além de fomentar o desenvolvimento das letras paranaenses possibilitando, quiçá, uma mudança nos rumos da produção local ainda muito ligada aos movimentos simbolista e parnasiano. A periodicidade das publicações deveria ser mensal, justificando-se o nome da editora: “A Novella Mensal”.

O formato adotado para os livros era pequeno, quase o que chamamos hoje de um livro de bolso, cerca de 16,5 cm por 11,5 cm. As capas deveriam ser sempre coloridas com desenhos assinados por artistas de destaque no Paraná. A impressão ficaria a cargo da “Empresa Gráfica Paranaense – Plácido e Silva e

⁶ OCTÁVIO DE SÁ BARRETO (22/11/1906- 22/10/1986). Filho de Antônio Victor de Sá Barreto e de Constância Motta de Sá Barreto. Nasceu em Curitiba e foi Funcionário público estadual, função na qual se aposentou. Diplomou-se em 1930, em Direito na UFPR tendo como companheiro de estudos Rodrigo Júnior. Casou-se com Carmem Miranda Sá Barreto e teve dois filhos: Victor Mavial e Terezinha Cecília. Fundou e dirigiu jornais, revistas e editoras. Pioneiro com Heitor Stockler e Correia Júnior, pela PRB2 de Curitiba, em 1924, do radioteatro no Brasil. Tem várias obras publicadas. Faleceu em Curitiba.

⁷ RODRIGO JÚNIOR, pseudônimo de JOÃO BATISTA CARVALHO DE OLIVEIRA (10/09/1887 10/6/1964). Nasceu em Curitiba, filho de Francisco Carvalho de Oliveira (farmacêutico e professor) e de D. Amália Augusta Ribeiro (pianista). Estuda no Colégio Nossa Senhora da Piedade de Manuel Padilha e depois no Ginásio Paranaense. Em 1904, dá-se sua estréia literária, passando a contribuir regularmente com jornais e revistas. Em 1906, parte para o Rio para cursar odontologia, abandona o curso e forma-se em farmácia em 1910. Retorna a Curitiba e estabelece uma farmácia a Rua da Misericórdia (André de Barros) em 1911. Em 1925, conclui os cursos preparatórios e no ano seguinte ingressa no curso de Direito. Em 1928, fecha seu estabelecimento comercial, formando-se advogado em 1930. Casa-se pouco antes de morrer com a prima durante internamento no Hospital São Lucas. Possui extensa obra editada, foi colaborador de diversos jornais e revistas.

Cia LTDA”, que ficava na Rua 15 de Novembro. Como os empreendedores não dispunham de recursos, o sistema adotado para as vendas foi o de assinaturas prévias que dariam direito ao recebimento de um futuro exemplar. Os preços propostos aos assinantes eram extremamente baixos.

“O preço é o mais módico possível: 2\$500.

Menos, portanto, que uma revista qualquer. Menos que uma fita de Tom Mix ou Buck Jones. Menos que a borracheira da troupe Jeca Tatu. Quase o custo de uma cerveja Antártica. Quer dizer que, privando-se, uma vez por mês qualquer pessoa de uma dessas coisas e aplicando a verba correspondente na aquisição da “A Novela Mensal”, prestará inestimável serviço às letras.”

De fato, o preço médio dos livros de literatura brasileira, segundo as tabelas divulgadas pela imprensa ou existentes em algumas contracapas das edições do período, era de cerca de 5\$000, o dobro de um exemplar da “Novella”. Isso demonstrava que o objetivo dos literatos era realmente a divulgação das obras de escritores paranaenses, não se obtendo lucro com as edições.

Outras diretrizes do empreendimento foram dadas à publicidade em uma fictícia entrevista dos diretores a um repórter local - na verdade, o próprio Rodrigo Júnior, assinando com seu conhecido pseudônimo “Jeff”. O ‘repórter’ chegou a sede da “A Novella Mensal”, situada na sala de trás da farmácia de Rodrigo, justamente quando os seus dois diretores reviam as provas tipográficas do primeiro número.

“(…) É já ‘O automóvel n. 117’?

- Com efeito, confirmou-me Sá Barreto lançando para o ar uma fumarada de cigarro.

- Vai ser um sucesso, segundo afirmam(…)

- Certamente! Garantiu Rodrigo. O número de assinaturas é tão elevado que a edição será esgotada rapidamente. É diminuto o número de exemplares restantes(…)

Aproveitei a ocasião para satisfazer a curiosidade:

- Mas que tem vocês em vista editando a série de novelas anunciadas?

- Nosso fim é o mais justo, honesto, patriótico possível(…)

- É publicar trabalhos de escritores paranaenses, atalhou Sá Barreto.

- É tornar conhecido muitas das ignoradas produções dos nossos enterrâneos que não podem publicá-las, secundou Rodrigo.

- É contribuir para o progresso das nossas letras criando um núcleo forte de leitores para a nossa pobre literatura tão desprezada, mas nem sempre tão má(…)

- Vocês tem razão... Literariamente quase nada fazemos por falta de estímulos - estímulos espirituais e estímulos monetários(…)

- Enquanto em São Paulo e outros estados avançam triunfalmente na senda literária, nós vegetamos crassamente, sem autores, sem editores, sem leitores(…)²⁸

Mais adiante, na mesma entrevista, os editores fizeram questão de afirmar que não estavam ligados a nenhuma corrente literária ou escola, recebendo para publicação todas as produções que tivessem valor literário. Todavia, Sá Barreto declarou a sua predileção pelas obras que seguissem as “concepções modernas” de arte.

“- Mas qual é o gênero das novelas a sair?

- Não cogitamos de gêneros e de escolas literárias(…) A máxima liberdade é permitida... Tudo serve, contudo, que agrade e interesse o leitor. É o único requisito exigido, o que quer dizer que o

estilo deve ser o mais simples possível(...)

- Livros para o povo... Nada de Cysantinismos e nephelibatices. Tudo cristalino e claro, mas o mais moderno possível(...) Quem falava era o Sá Barreto. Mas o Rodrigo tomou a palavra.

- Também não nos importa que o autor da novela seja velho ou moço e que pertença a esta ou aquela geração.. Lido e aceito o trabalho.

- Por quem?

- Por nós está claro, pelo Octávio e por mim, que somos os diretores da publicação, o resto pouco importa(...) pensamos em matéria de novela como o Eça de Queiroz (ainda não leu 'A capital'?) que afirmou não haver necessidade de "declamação nem de filosofia" na obra de arte, mas tudo deve ser 'interesse e drama e rapidamente contado'(...) Eis o que nos serve, eis o que faremos questão de encontrar nas novelas que nos forem propostas... Ainda que não sejam obras de arte perfeitas...

- Sim, tudo é relativo(...)

- E assim, (diz Otávio) iremos cumprindo o programa que a nós mesmos nos traçamos.

Queira o público nos auxiliar, como até agora o tem feito! Exclama Rodrigo.

- Vocês são extraordinários! E não desanimem...Avante! Sempre avante, meninos! E despedi-me satisfeito"

Em pouco tempo as listas de assinaturas começaram a percorrer a capital cada uma sob a responsabilidade de um intelectual. Vinham encabeçadas por quatro perguntas que conclamavam a participação da população paranaense nesta iniciativa.

"Quer ler 'A Novella Mensal' publicação que é o mais arrojado empreendimento literário feito, até hoje, no Paraná?

Quer cooperar para o engrandecimento das nossas letras?

Quer aproveitar uma excelente oportunidade de por em evidência seu amor pela terra natal?

Quer, enfim, dar uma amostra de sua fina cultura e hipotecar seu valioso apoio à realização de um grande e audacioso tentame de educação popular?"¹⁰

No final de 1925, pouco antes do Natal, as livrarias da capital e os assinantes receberam o primeiro volume da série. Como havia se anunciado, tratava-se de "O automóvel n. 117", primeira obra em prosa de Octávio de Sá Barreto. O livro tinha um total de 127 páginas e capa de Euclides Chichorro, aluno do mestre Alfredo Andersen. Na contracapa encontrava-se estampado o selo da editora que pretendia difundir o livro paranaense.

A tiragem foi de 500 exemplares, estando grande parte comprometida com as subscrições das listas de assinaturas prévias. Abria o livro o "Diálogo no Bar" espécie de prefácio de autoria de Rodrigo Júnior que reproduzia uma conversa mantida entre os diretores num dos bares da cidade. Nela importantes aspectos da personalidade de Sá Barreto foram revelados, especialmente a sua preferência por poemas e novelas "modernos, impressionistas, século XX! (onde) O tema é suscetível de renovação(...) Nada de velharias poeirentas e tediosas! Amor livre, verso livre, tudo livre! Lembra-te que vivemos na era do jazz-band (...)". Declarava-se também a admiração do autor pelos poetas "Nobre, Cesário, Verlaine, Samain, Nervo, Marinetti, Tagore, Ribeiro Couto e Rodrigo Júnior" e na prosa a "Poe, Wilde, Zamacois, Knut Hamsum, Pirandello, Vargas, Max Jacob, Menotti e Álvaro Moreira".¹¹

⁸JEFF. Ecrán "De Hoje". *Estado do Paraná*. Curitiba, 24 set. 1925, p. 3.

⁹JEFF. Ecrán "De Hoje". *Estado do Paraná*, Curitiba, 24 set., 1925, p. 3.

¹⁰ GOMES, Raul. "O livro paranaense". *O Dia*. Curitiba, 03 nov., 1925, p. 2.

“O automóvel n. 117” era uma coletânea de quatro contos, em que o primeiro, mais extenso, dava nome ao livro. Tratava-se de dois episódios inexplicáveis ocorridos com o jovem Carlos, em São Paulo e Curitiba, ambos envolvendo o misterioso carro de número 117.¹² Na seqüência apareciam “O homem que acompanhou o próprio enterro”, “Os pequenos dramas da vida” (subdividido em três partes) e “O estranho golpe dos quatro dedos”. Parte deles estava guardada há tempos, mas não perdera a atualidade, revelando pequenas histórias bem urdidadas sempre com um tom de mistério.¹³

Os elogios dos críticos parecem ter animado os empreendedores, pois logo se iniciaram os trabalhos para a publicação do segundo volume. Contudo, o idealizado intervalo de apenas um mês entre as publicações não pode ser cumprido. O período de festas de final de ano e de férias não ajudava nas vendas e, além disso, os diretores dispunham de pouco tempo para realizar todos os trabalhos necessários para a edição dos livros. Afinal, os dois eram responsáveis pela distribuição das listas de assinaturas, recolhimento do dinheiro, revisão das cópias tipográficas, distribuição dos exemplares, entre outros trabalhos. Assim, somente em março de 1926 anunciou-se o novo título.

“Está pronta a ser exposta a venda a novela ‘Um caso fatal’ de Rodrigo Júnior, segundo número da série editada sob a responsabilidade desse aplaudido escritor e de Sá Barreto. O trabalho do poeta de ‘Quando Floresce o Amor’ é totalmente Curitibaano, pelo drama, pela paisagem, pela vida, pelos costumes e pela própria linguagem. Repassado de poesia e verdade, a sua ação empolga desde às primeiras páginas,

entre as quais algumas são de grande e profunda emotividade.

“Um caso fatal” vem comprovar a ductilidade do talento paranaense, capaz de criações nos mais variados domínios da arte e do pensamento.

Acrecece que este romance vem ornado de belíssima capa produzida pelo mágico pincel de Traplo, que pôs a sua capacidade criadora em função para realizar um lindo desenho”.¹⁴

A tiragem permaneceu em 500 exemplares e a obra foi prefaciada por Sá Barreto que, invertendo a situação anterior, reproduziu um diálogo mantido entre ele e Rodrigo Júnior que, entre outros assuntos, manifestava sua concepção sobre a arte. “Um caso Fatal” baseava-se em um episódio real, ocorrido havia muitos anos em Curitiba, e discorria sobre um triângulo amoroso entre um pintor curitibano de renome, sua criada “polaca” e uma jovem senhora casada da sociedade.

O segundo número da “A Novella Mensal” confirmou o sucesso da iniciativa da dupla de literatos. Aos poucos, segundo as crônicas locais, o empreendimento incrementava a vida literária paranaense “insuflando-lhe um novo ardor, estimulando e despertando energias adormecidas”, produzindo “uma ânsia de criar belas obras, de ampliar nosso horizonte literário”.¹⁵

A Novella Paranaense

Após a publicação de “Um caso fatal”, ainda nos primeiros meses de 1926, a editora paranaense recebeu o reforço de Raul Gomes¹⁶ que, ao lado de Rodrigo e Octávio, passou a fazer parte da diretoria. Raul, já bastante conhecido no meio intelectual curitibano, era um dos mais produtivos escritores e jornalistas da

geração que se iniciara nas letras nos primeiros decênios do século XX. Batalhador incansável e destemido de todos os assuntos que de alguma forma se relacionassem com o desenvolvimento das letras paranaenses, esse literato pelejava havia bastante tempo pela criação de uma editora no Estado. Assim, nada era mais natural do que sua entrada na “A Novella mensal”, empreendimento que ele apoiou pessoalmente desde o anúncio da sua criação, tanto em notas publicadas na imprensa como em apertes nas reuniões do Centro de Letras ou mesmo encabeçando as listas de vendas dos dois primeiros números.

O ingresso desse “homem de letras”, entretanto, ensejou algumas modificações nas diretrizes da empresa. A primeira e mais aparente delas foi a alteração do seu nome para “A Novella Paranaense”, fato relacionado tanto à dificuldade em efetivar as edições em inter-

valos de apenas um mês quanto ao ideal de valorização da cultura local, “o paranismo”, aspecto bastante reforçado pelo novo diretor. Ao mesmo tempo, outras áreas passaram a receber mais atenção, especialmente a campanha em prol da disseminação da alfabetização no Estado.

Tais alterações, contudo, não interromperam a seqüência de publicações, iniciando-se, em pouco tempo, os trabalhos que permitiriam a edição de “O Desespero de Chan”.¹⁷

*“Novela social de Raul Gomes, cuja intensa ação passa toda ela em Curitiba e outras cidades do Paraná. Lindíssima capa de A C (Eloy) e ilustração do exímio pintor Pedro Macedo. Constituirá o terceiro número da “Novella Mensal” dirigida por Sá Barreto e Rodrigo Júnior. Trabalho de Verdade e profunda emoção. Assinaturas desde já.”*¹⁸

¹¹ BARRETO, Octávio Sá. *O automóvel* n. 117 e outras novelas. Curitiba: Empresa Gráfica paranaense LTDA, A Novella mensal, ano 1 n. 1, dezembro de 1925, pp. 9-13.

¹² A novela tem alguns pontos em comum com uma história popular em Curitiba, o caso da “Loira Fantasma”, uma bela mulher que chama suas vítimas para um táxi onde se descobre que ela é um espectro. Não conseguimos descobrir se a história foi criada pelo autor e depois começou a circular na cidade ou se ele apoiou-se na história popular.

¹³ O livro aguardava publicação há quase três anos, pois em comentário sobre os poemas publicados por este autor, Rodrigo Júnior, em princípios de 1923, destacava sua produção: “Iguamente interessante, o seu feito bizarro, é a prosa de Sá Barreto, o que não será desmentido pelo seu livro de contos “O automóvel n. 117”, a entrar brevemente no prelo.” In: RODRIGO JÚNIOR. “Os Novos”. *Comércio Do Paraná*, Curitiba, 11 mar. 1923. p. 2.

¹⁴ UM CASO Fatal. *Gazeta Do Povo*, Curitiba 02 mar. 1926. p. 5.

¹⁵ FREYESLEBEN, Curt. “A Novella Mensal”. *O Dia*. Curitiba, 14 abr. 1926. p. 2.

¹⁶ Raul Gomes. Filho de Joaquim Rodrigues Gomes, negociante, e Guilhermina da Costa Lisboa, professora, nasceu em Piraquara em 27/4/1889 e faleceu em Curitiba em 1975. Professor normalista, literato, funcionário postal e jornalista, formou-se em Direito na década de 30, tornando-se professor catedrático da UFPR. Estudou no ginásio paranaense e na escola normal, onde se formou professor, profissão que exerceu na Lapa e Joinville. No retorno a Curitiba, ingressa nos Correios em 1921, onde tornou-se guarda-livros da sub-contadoria do Paraná. Durante longo período, manteve em sua casa curso de escrituração mercantil e datilografia. Foi fundador dos jornais “Relâmpago” e “A Noite” e da Revista “Olho da Rua”. Em duas oportunidades, secretariou “O Diário da Tarde”. Tem diversas publicações. Casado com Carmem Schaffemberg de Quadros Gomes, teve quatro filhos: Glycéria Maria de Quadros Gomes, Danilo Antônio, Raul Joaquim e Carmem Guilhermina.

¹⁷ A alteração do nome da empresa não alterou a seqüência da numeração da série.

¹⁸ “O Desespero de Chan”. *Estado do Paraná*, Curitiba, 17 mar. 1926. p. 6.

Os editores imprimiram uma tiragem de 1000 exemplares, o dobro das anteriores, financiando boa parte com recursos próprios. “Audácia que muita voz agoirenta previu um fracasso”, mas que surtiu bons resultados, pois, segundo os diretores da empresa, em pouco mais de uma semana estava colocada toda a edição.¹⁹ Em julho de 1926, o livro saiu do prelo com capa de Alceu Chichorro, um total de 189 páginas e mais oito ilustrações de Pedro Macedo, que haviam sido impressas em São Paulo. Tratava-se da primeira vez, inclusive, que este recurso gráfico era usado em um romance editado no Paraná.

A apresentação ficou sob a responsabilidade de Rodrigo Júnior que discorreu sobre a conhecida operosidade de Raul Gomes. O autor apresentou também uma pequena introdução, sob o título de “Prevenção Necessária”, onde esclareceu alguns pontos da campanha de disseminação do livro paranaense, ressaltando serem as baixas tiragens as responsáveis pelo seu alto custo. Reclamava ainda da dificuldade de distribuição no mercado dos poucos números editados e de que quando se tentava “a assinatura previa a um burguês rico este nos declara(va) no rosto que não tem tempo de ler e nos manda(va) oferecer o

livreco aos caixeiros”.²⁰

Raul Gomes fez de “O desespero de Chan” uma oportunidade para esclarecer sua posição sobre um dos temas mais discutidos do momento, a questão racial. Tratava-se de um “romance de tese”, com o qual se pretendia demonstrar que o negro, sob as mesmas condições educativas, econômicas, morais, higiênicas e alimentares dos brancos, poderia alcançar um estágio de desenvolvimento semelhante e, em muitos casos, superior devido à sua natural boa índole. O protagonista era o negro Benedito Villaça, muito instruído, empreendedor e de moral elevada, mas que devido ao preconceito não pôde concretizar seu relacionamento amoroso com uma moça branca, de uma tradicional família curitibana.

O terceiro volume da “Novella Paranaense”, em parte pelo respeito que seu autor tinha pelo Estado e por uma verdadeira “campanha publicitária” que se fez sobre o livro, consagrou-se, ensejando novas publicações. No início de 1927, novo volume da série chegava às mãos dos leitores curitibanos.

“Está nas nossas oficinas, recebendo os últimos cuidados a ‘Senhorita Mistério, número quatro da Novella Paranaense’, escrita pelo Dr. Serafim

¹⁹ *A Novella Paranaense*. In BALÃO, Viriato. “Agonia”. Curitiba, Empresa Gráfica Paranaense, 1929. 7º volume da série a Novella Paranaense. pp. 103-104.

²⁰ GOMES, Raul. “O desespero de Chan”. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1926.

²¹ “O Quarto número da Novella Paranaense”. *Gazeta Do Povo*, Curitiba, 07 jan. 1927. p. 5.

²² SERAFIM FRANÇA. Casado com Olímpia Junqueira França, bacharel formado pela Escola livre de Direito do Rio de Janeiro, poeta e romancista, publicou os seguintes livros: *Álbum de um Moço*; *Canções das Terras dos Pinheirais e Cantos da linda Terra dos Pinheiros* (versos); *Amor Misterioso* (romance). Escreveu várias peças teatrais, militou na imprensa, fundou várias revistas, inclusive “O Olho da Rua”. Exerceu vários cargos públicos, entre os quais o de Redator dos debates do Congresso legislativo do Estado, o de promotor Público da 1ª Vara da Capital e de Curador geral do Juizado de Menores, na capital. In Negrão, Francisco. *Genealogia Paranaense*, pp. 117.

²³ Sobre o movimento paranista ver entre outros, PEREIRA, Luís Fernando Lopes. *O espetáculo dos maquinismos modernos – Curitiba na virada do séc. XIX ao XX*. Tese de doutorado em História Social. São Paulo, USP, 2002.

França.(...)

A urdida do romancete é útil envolvendo em sua teia figuras da sociedade, cujos costumes o autor pesou com felicidade.

A arolência é paranaense. Nas páginas de A Senhorita Mistério sente-se a palpação de uma vida.

As cenas lindas, como a do acordar do passado numa estância, descrita com habilidade. Curitiba desta época lá está, vivendo na novela do ilustre escritor.(...)"²¹

Serafim França²² era um consagrado literato curitibano, de inspiração romântica, idealizador da Academia de Letras do Paraná e membro da Academia Amazonense de Letras. Possuía diversos livros editados, incluindo-se até uma novela “O amor misterioso”, datada do início do século. A edição de um volume de sua lavra pela “Novella Paranaense” vinha comprovar uma das suas diretrizes iniciais: a aceitação de obras de todos os autores paranaenses, independentemente de “estilos” ou “escolas” literárias. Entretanto, isso fazia com que o empreendimento perdesse alguns de seus aspectos mais de vanguarda, apresentados quando de sua idealização e mesmo nos seus dois primeiros volumes, que poderiam, inclusive, projetá-lo nacionalmente. Tal perda parece estar relacionada à entrada de Raul Gomes na sua direção e sua influência na seleção dos livros a serem editados, que passaram a pautar-se mais nos ideais do “movimento paranista”, especialmente na valorização da cultura local e na exaltação das características peculiares ao Paraná.²³

O esgotamento da edição anterior fez com que a empresa optasse novamente por uma tiragem de 1000 exemplares. A capa e as ilustrações desse livro eram do jovem pintor paranaense Dunin. As ilustrações vinham or-

nando o início e o final de cada capítulo e foram impressas junto com o texto nas oficinas da Empresa Gráfica Paranaense. Octávio Sá Barreto, encarregado de escrever o prefácio, destacou a inutilidade de sua função que poderia privar o leitor do imprevisto. Em virtude disso, apresentou apenas algumas palavras sobre o autor, afirmando que seus dotes já comprovados na poesia seriam confirmados na sua prosa, que era sutil, fina e comovente, parecendo alcançar diretamente o coração das mulheres.

“Senhorita Mistério” tinha por cenário as cidades de Curitiba e do Rio de Janeiro, com uma breve passagem por uma fazenda no interior do Paraná. Retratava, especialmente, os ambientes e os costumes sociais das famílias tradicionais e ricas do início do século XX. Era uma adocicada história de amor entre dois jovens curitibanos que conseguiram vencer os obstáculos sociais e concretizar sua união.

A edição foi saudada com muitas festividades na capital. Os empreendedores promoveram uma festa de lançamento, com programação lítero-musical, no parque Graciosa, onde estavam presentes todos os colaboradores da “Novella Paranaense”, incluindo-se os trabalhadores da oficina gráfica, muitos intelectuais e amigos. Poucos dias depois, organizou-se outra confraternização literária no Clube Curitibano em homenagem aos editores. No entanto, o livro demorou para ser distribuído, refletindo sérias dificuldades financeiras para a “A Novella Paranaense”. Assim, o quinto volume da série, muitas vezes anunciado, demorou a sair e apenas em fins de agosto confirmou-se sua publicação.

“Há tempos vem sendo anunciado pela impren-

sa um novo número da 'Novela' – 'O Monstro', da autoria do fino literato e consagrado jornalista Euclides Bandeira.

Na ânsia de colber informações sobre o novo trabalho do distinto escritor paranaense, dirigimo-nos a redação da 'Novela' onde fomos recebidos por um dos seus diretores, o distinto poeta Octávio de Sá Barreto.

- Quando será exposto à venda 'O Monstro'? perguntamo-lhe sem mais preâmbulos.

- Infelizmente na próxima semana. Houve um atraso na feitura da capa, mas, devido a dedicação desinteressada de Mário de Barros (Herônio) está ela admirável.

E mostrou-nos páginas avulsas, ainda não encadernadas de 'O Monstro'.

A impressão feita em duas cores é uma verdade de beleza e a ilustração da capa intencionalmente sugestiva.

- É uma novela só? Indagamos.

- Não, informou-nos Sá Barreto. O volume enfeixa a novela 'O Monstro', em que toda a arte de Euclides Bandeira estadeia com fulgurações nevróticas e empolgantes e mais cinco contos magistrais intitulados: 'Emboscada', 'Exilado', 'Intermezzo', 'Decepção' e 'Jettatura'. A vista do que tivemos ocasião de ver, concluímos que o novo número da 'Novella Paranaense' vai lavar um êxito estrondoso não só devido ao prestígio do nome do seu festejado autor como também do esmero de sua confecção material."²⁴

Euclides Bandeira²⁵ era um dos intelectuais de maior destaque no Paraná. Ingressando nas letras nas últimas décadas do século XIX, durante o movimento "simbolista", era um respeitado poeta e jornalista, tendo exercido o cargo de redator chefe do "Diário da Tarde" por um longo período. Nesse jornal, um dos mais importantes da capital, abriu espaço para muitos poetas e prosadores, incluindo-se aí os jovens "futuristas e modernistas" da capital. Essa trajetória permitia ao autor manter um bom relacionamento com as

diferentes gerações literárias que, nos últimos anos, vinham se digladiando na cidade. Assim, a publicação de uma obra de sua autoria mostrava-se muito apropriada e deveria alcançar uma boa aceitação por parte do público e dos críticos, permitindo à "A Novella Paranaense" superar a crise.

"Para assegurar esse sucesso fatal não era necessário que se viesse em público gritar que todos precisam ler: 'O Monstro'... Não se faz mister que se queira a força impingir um livro. Não! Basta dizer-se que se trata de uma composição literária de Euclides Bandeira para que o nosso público leitor correr às livrarias e adquirir o livro em questão... Euclides Bandeira é desses poucos escritores que não carecem de reclamos. É querido de todos. É um literato que ganhou, a custa de seu talento, da sua originalidade própria, do seu labor infatigável, a alma de seus leitores.

*É dono de um grande público, seu admirador."*²⁶

Os diretores mostravam-se bastante otimistas ao anunciarem essa obra, garantindo a sua excelência e a continuidade do empreendimento literário.

"A empresa Gráfica Paranaense está ultimando os trabalhos de impressão do O MONSTRO da pena de Euclides Bandeira com capa de Herônio.

Esta produção constitui o 5º número da Novella Paranaense, série de edições de autores nossos que com esforços pertinazes vem sendo lançada à publicidade por um grupo de intelectuais.

O MONSTRO é, como tudo que sai da pena de Euclides Bandeira, uma obra vigorosa, cheia de brilhatura de estilo, que distinguem a maneira de dizer daquele aplaudido plumitivo.

É uma novela moderna, de entrecho arrebatador. Herônio compôs uma capa interessantíssima em que seu talento mais uma vez cintilou.

Os diretores da Novella continuam a sua faina

de difundir obras de escritores nossos, movidos tão só pelo ideal de engrandecer as nossas letras. Eles sentem-se felizes porque a sua ação tem sido altamente estimulante, com visíveis resultados nas produções congêneres que já vão aparecendo aqui e fora da capital.

A seguir, outras obras aparecerão, firmadas por nomes dos mais ilustres”²⁷

“O Monstro” vinha com uma pequena apresentação de seu próprio autor, em que ele destacava a oportunidade da “Novella Paranaense” em retomar o ideal fundador do Centro de Letras do Paraná, entidade a qual todos os seus diretores eram filiados. Em seguida, discorria sobre o convite que lhe fora feito para apresentação de uma obra sua, cujo aceite foi adiado devido a “uma grave enfermidade nos olhos, a qual há tantos meses nos tortura e que, num tríplice golpe, implacavelmente nos arrebatou a pena, a leitura e o cigarro”. Nova solicitação lhe foi feita, para que apresentasse algum trabalho antigo menos divulgado para a reprodução. Foram selecionados, então, alguns contos de sua produção “esparça e perdida no efêmero das folhas volantes” e era esse material que se apresentava

encadernado na edição.

Compunham a coletânea uma novela e cinco contos. A novela, que dava nome ao livro, narrava um adultério e era nitidamente inspirada pelos escritos de Edgar Allan Poe, encerrando um toque de terror e suspense em suas páginas. Entre os contos, um dos mais interessantes era “Jettatura” que revelava a experiência jornalística do autor, descrevendo-se o processo de criação de uma crônica em uma cidade sem muitas novidades que servissem de notícia.

A previsão de boas vendas e boas críticas confirmou-se e, superando as dificuldades, “A Novella Paranaense” conseguia abrir novos rumos para a produção literária local do período. Algumas crônicas atestam que depois do seu lançamento muitos literatos paranaenses deixaram a poesia de lado e passaram a escrever novelas e romances. Além disso, a empresa distribuiu à população paranaense “para mais de 15000 prospectos e uns 2000 cartazes persuadindo o povo a ler”, além de produzir um jornal sobre o assunto “com uma edição de 3000 exemplares”.²⁸

²⁴ JOÃO DE CURITIBA (RODRIGO JÚNIOR) “Modorra, mas não morte...” (seção Assunto do dia). *O Dia*, Curitiba, 26 ago. 1927. p. 2.

²⁵ EUCLIDES DA MOTTA BANDEIRA E SILVA. Foi jornalista e escritor. Filho de Carlos de M. Bandeira e Silva e de Thereza Maria Bandeira e Silva, nasceu em Curitiba em 22 de novembro de 1876. Coursou os preparatórios nessa cidade e depois foi para a Escola Militar no Rio de Janeiro. Em 1895, por motivo de uma sedição, foi excluído do exército e regressou à terra natal, “onde não aceitou a nomeação para um emprego nos correios e ingressou na carreira jornalística, trabalhando como diretor, redator e colaborador em diversos jornais e revistas. Sócio fundador do centro de letras, foi jornalista, conteur, novelista e humorista de fina verve. Pseudônimos: W. Showisky, Delmiro Cauby, D. Juan Lascivo, Marques de Val de Vinos, Hélio, Gypso, Gil, Gil Pachola, Ruy Pacheco, Gláucio, Fra Diavolo, Flávius, Shop Nhauer, Hermann, Diavolo, Max, Estélio, Diavolino. Colaborou com inúmeros jornais e revistas e tem publicado muitos livros, entre eles “O Monstro”, publicado em 1927 pela empresa “A novela Paranaense”.

²⁶ De Araújo Penaforte – pseudônimo de Octávio de Sá Barreto. “O Monstro”. *Diário Da Tarde*, Curitiba, 01 set. 1927. p. 1.

²⁷ *Gazeta Do Povo*, Curitiba, 26 ago.1927. p. 6.

Os empreendedores promoveram também a “Primeira Semana Paranaense de Livros”. Essa Feira realizou-se na data em que a capital recebia os delegados participantes do “Primeiro Congresso Nacional de Educação”, integrando as comemorações do aniversário da Emancipação Política do Paraná. Na semana de 18 a 24 de dezembro de 1927, foram organizados diversos eventos sob a coordenação da “Novella Paranaense”: uma festa literária e musical no Palácio Teatro, venda de livros paranaenses nas livrarias com desconto de 20% e uma grande exposição de livros, incluindo-se inéditos, parte das bibliotecas dos intelectuais locais e fotografias de paisagens paranaenses no saguão do edifício, onde antigamente funcionava a loja “Louvre”, na Rua 15 de Novembro. Durante a exposição, eram realizados “Minutos de arte”, com apresentações artísticas e musicais.

Aproveitando as festividades, os editores anunciavam a publicação do sexto volume da série, solicitando aos assinantes que apoiassem esse lançamento.

“Veneno de Cobra’ trata de terras regionais e tem por teatro os lindos campos de Palmeira,

cuja beleza também tem sido exaltada por todos os que os tem contemplado.

O escritor soube transportar para as páginas de sua novela os típicos aspectos dessa paisagem que já outrora empolgava Saint Hilaire e Visconde de Taunay.

A tecedura da narrativa é empolgante versando sobre curiosos problemas da psique humana, eternamente enigmática e cheia de imprevistos.

Eloy, o brilhante caricaturista que todo o Paraná admira, fará a capa e desenhos do texto, o que contribuirá para o êxito de Veneno de Cobra.

Como se vê tudo colaborará para que Veneno de Cobra caia na simpatia do povo, que está no dever de amparar cada vez mais o cometimento da NP, que tem em mira a difusão de nossos livros.

Cada patrício que sabe ler, principalmente os advogados, médicos, os engenheiros, os comerciantes, industriais, etc. tem a obrigação de demonstrar que se interessam por assuntos espirituais, notadamente os referentes ao desenvolvimento de nosso meio, ainda tão necessitado de apoio.

Aqui se lê tudo o que vem de fora e é pago a preços formidáveis.

Com mais forte razão, cabe ao povo ler o que é produzido pelo talento paranaense e é impresso em nossas oficinas. Porque em cada número cooperam muitos homens, desde o literato ao impressor, que dá índice ao nosso progresso, quer na parte espiritual, quer na parte material Na parte espiritual demonstrando-se sermos

²⁸ Essas informações encontram-se no texto dos editores *Novella Paranaense*. In: BALLÃO, Viriato. *Agonia*. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1929. Série *Novella Paranaense* n. 7. pp. 103-107. Não foram encontrados exemplares dos panfletos ou do jornal em nossas pesquisas.

²⁹ “O 6º Número da Novela Paranaense”. *Gazeta Do Povo*, Curitiba, 11 out.1927. p. 5.

³⁰ LAERTES DE MACEDO MUNHOZ 19/07/1900. Advogado, Filho de Alcides Munhoz (teatrólogo/ secretário de estado/ presidente da academia de letras do Paraná) e de Iphigênia de Macedo Munhoz, nasceu em Curitiba. Bacharel em ciências Jurídicas e sociais pela UFPR. Trabalhou no interior e depois voltou à capital. Foi promotor público e lente de Biologia Geral do curso Pré-Jurídico da UFPR. Foi eleito deputado estadual. Jornalista e literato possui trabalhos em prosa e verso. Sócio do Centro de Letras e Acadêmico. Usou os pseudônimos: Paulo Bravo e Anselmo Pires. Colaborou com muitos jornais e revistas da capital. Editou: “Enredos Fúteis”; “prosa”; “Curitiba, 1921”; “Coroa de espinhos”; “Veneno de Cobra”; “novela”; “Curitiba, 1928” (Ed. Da “Novella Paranaense”).

³¹ SÁ BARRETO, Octávio. Vou começar (...). In: MUNHOZ, Laertes. “Veneno de cobra”. Curitiba, Empresa Gráfica Paranaense, 1928, Série a *Novella Paranaense*, n. 6 ano 4.

capazes de criar uma série de obras tão boas como a maior parte do trabalho de igual classe aparecidos noutros centro. Na parte material, provando que as nossas oficinas gráficas não tem a concorrência das congêneres de outras praças, não só quanto ao acabamento das obras, como quanto ao preço.

Os nossos artistas gráficos são exímios como o tem patenteado de sobejo nos volumes já editados da NP.

Quem não for assinante da NP deve sem demora solicitar uma assinatura, revelando seu amor ao progresso de nossas letras”.²⁹

Entretanto, demonstrando as crescentes dificuldades da empresa, essa edição demorou quase um ano para sair do prelo. O autor era Laertes Munhoz³⁰, que foi um fervoroso adepto do “futurismo” no início dos anos 20, usou em suas produções vanguardistas o pseudônimo de ‘Paulo Bravo’. Filho do Secretário de Estado e presidente da Academia de Letras do Paraná, Alcides Munhoz, Laertes foi um dos maiores críticos dos tradicionais intelectuais paranaenses, os “passadistas”, a quem importunava constantemente em seus artigos na imprensa. Entretanto, na data de lançamento dessa sua produção, ele vinha travando um acirrado debate com Jurandir Manfredini que o acusava de trair o movimento de renovação da arte.

“Veneno de Cobra” tinha 113 páginas e a capa era novamente de Alceu Chichorro, assinando como Eloy. A tiragem foi de 1000 exemplares e em seu prefácio Sá Barreto afirmava que o veneno que a “Novella Paranaense” apresentava aos leitores não era um veneno digno do “Instituto Butantan”, mas sim, um veneno bom, saído do “laboratório

prodigioso do pensamento, elaborado com a química da imaginação”. Destacou também a merecida fama de “conteaur” do autor, salientado que esta mostrava agora seu talento com mais fôlego, aventurando-se na escrita de uma novela o que indicava ser “seu verdadeiro caminho”.³¹ Mais adiante Laertes Munhoz apresentou sua produção na forma de pequenos fragmentos sobre o romance, enquanto um gênero literário, e sobre as idéias que o guiaram na realização da redação de sua primeira novela.

O enredo discorria sobre a breve estadia de Paulo Alencastro no Paraná, onde veio esquecer um amor impossível. Apresenta-se, na chegada, em Paranaguá, passando por Curitiba e uma temporada numa fazenda de parentes nos Campos Gerais. Neste local, uma série de episódios, especialmente uma crendice popular, fizeram o protagonista retornar a São Paulo, decidido a lutar novamente por seu verdadeiro amor.

O lançamento desse livro foi realizado somente na última semana de setembro de 1928, junto a mais uma promoção da “Novella Paranaense”, a II Semana do Livro.

“A próxima semana vai se inaugurar com a Semana do Livro, constante de uma exposição promovida pela Novella Paranaense no palacete Merby, feira de livro com a redução de preços nas livrarias, lançamento da Sexta Novella Paranaense devido a pena de Laertes Munhoz, exposição de originais de escritores paranaenses e um grande festival litero-musical num dos nossos maiores teatros, com a participação dos melhores solistas de todos os instrumentos, os melhores prosadores e as melhores declamadoras. Essa festa de inteligência será uma grande concentração de provas do nosso valor intelectual.

No programa, além destes elementos já referidos, figurarão vários números sensacionais, entre os quais já podemos mencionar dois de nota: Uma orquestra típica composta de quatro ou cinco nomes ilustres de nosso meio e capaz por si só de constituir uma festa de arte.

Outro número de êxito seguro é um sainete de Dirceu Lacerda especialmente escrito para a festa da Novela e desempenhado por dois nomes gloriosos da nossa terra.

Veneno de Cobra, o lindo trabalho de Laertes Munhoz, cuja maravilhosa capa saiu do lápis de Eloy, vai conquistar o público: quer quanto a parte material quer quanto a literária que está um primor.

Para dar uma idéia do influxo da Novela Paranaense em nossa evolução literária basta dizer que vão ser exibidos na exposição os seguintes originais: “Angela” de Phâmphilo Assumpção a aparecer em novembro; “Agonia” de Viriato Ballão, em dezembro; “Mania de Época” de Ildefonso Serro Azul; “Pirnás” de Anita Philipowski; “Quando a felicidade quer fugir” de José Cadilhe; “Maria Clara” de José Moraes; “A Triste Mascarada” de Raul Gomes; “Sombras Chinesas” de Rodrigo Júnior. Serão expostos os originais de numerosas peças inéditas do arquivo da pujante Sociedade Teatral Renasçença.

Enfim, vamos ter uma semana devotada as letras.

No recinto da exposição, como já sucedeu no ano passado, alunos do conservatório musical executarão números de música e poetas dirão versos”.³²

Mesmo com sua exposição durante toda feira, as vendas de “Veneno de Cobra” foram muito baixas. Os editores vinham reiteradamente aos jornais conclamar a adesão do “Povo Paranaense” à campanha de disseminação do livro, o que poderia ser feito adquirindo-se um exemplar da “A Novella Paranaense”. Queixavam-se também da

inexistência de interessados em representar a editora e distribuir as obras pelo interior do Estado ou em outros mercados. Essa falta fazia com que as edições ficassem apenas na capital e os colaboradores e amigos não conseguissem mais absorver todos os volumes necessários para a continuação da série. O prazo entre as obras aumentava a cada número, num claro sinal de esgotamento. A situação agravava-se ainda mais porque, para manter os preços baixos, tornava-se necessário ampliar as tiragens. Mesmo com as crescentes dificuldades, anunciava-se para breve a publicação de novas novelas, entre as quais “Angela” de Phâmphilo Assumpção, “Agonia” de Viriato Ballão e uma surpreendente produção de Odilon Negrão.

“Novela paranaense não em exclusivismos e acolherá representantes de todas as correntes literárias. Este último, por exemplo, promete uma produção revolucionária, traçada no sentido libertário defendido pelo seu grupo que é vanguardista e esta atrevidamente filiado aos perigosos antropofagistas de São Paulo, os truculentos editores da sanguinária Antropofagia, açougue onde medalhões e passadistas vem sendo implacavelmente triturados em nome do canibalismo verde-amarelista dos bolchevistas das letras brasileiras.

Odilon Negrão, o bugre tribo, revivendo as tradições antropofágicas de sua raça primitiva, vai na sua próxima novela inaugurar um açougue na pacatíssima capital de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.

E Novela paranaense concorrerá para esta carnificina literária, editando, depois da obra de Phâmphilo de Assumpção e do talentoso Viriato Ballão, a produção minimalista do tremendo rebento sobrevivente e reivindicador da saudosíssima nação dos heróicos Caingangues, que devoraram nos albos do Brasil colônia o triste e infeliz bacharel Chaves, que Martim

Afonso, manava fazer uma entrada para Cananéia e do qual se soube que houvera tido o glorioso fim de parar no bojudo ventre dos ferocíssimos ancestrais do voracíssimo tapuia a quem Novela Paranaense deverá o seu nono número.

E que número!(...) Será mais apetitoso de que um talo de churrasco sangrento.”³³

Infelizmente, dos títulos anunciados, o único editado pela “A Novella Paranaense” foi “Agonia”, sétimo e último volume da série, que surgiu no segundo semestre de 1929. Viriato Ballão,^{34,3} seu autor, não tinha uma grande projeção literária no Estado, tendo publicado anteriormente apenas a novela “Na voragem”, que se referia a uma história de amor proibido e tinha por cenário as belas praias da Ilha do Mel. Nos últimos anos, vinha publicando também pequenos contos e poesias, além de comentar os lançamentos da “A Novella Paranaense”. Na verdade, a edição dessa obra não parece ter sido fundamentada no seu valor literário, mas na relação de amizade do autor com Raul Gomes, seu antigo companheiro de trabalho nos Correios do Paraná.

A novela desenvolvia-se no início do século XIX e retratava um romance proibido entre um médico carioca, recém chegado em Curitiba, e uma senhora casada com um desembargador bem mais velho. O médico e a amada combinam um duplo suicídio, mas, pouco antes de ingerir o veneno, a senhora foi avisada do falecimento do esposo. Man-

dou um recado urgente ao médico, mas este encontrava-se agonizante. A narrativa dessa novela, entretanto, era bastante difícil de ser seguida, o seu enredo muito confuso com uma grande profusão de personagens, na maioria das vezes, mal construídos.

“Agonia” revelou-se uma péssima escolha editorial. Os críticos locais, que tanto apoiaram o empreendimento, silenciaram-se. As dificuldades de distribuição se acentuaram, ainda mais porque, na tentativa de baixar os custos e conseguir manter o preço dos livros, editaram-se 1.500 exemplares. A crise econômica que eclodia veio a agravar ainda mais a situação. Os livros ficaram encalhados na sede da empresa e nas livrarias curitibanas. Dessa vez, a empresa não conseguiu superar as dificuldades.

Depois de quatro anos de intenso trabalho, sete livros publicados, da organização de duas feiras de livros e do patrocínio de uma intensa campanha em prol da disseminação da educação no Estado, a “A Novella Paranaense” encerrou suas atividades. O “romancista” que viria a tirar a literatura conterrânea de seu estado letárgico, infelizmente, não se revelou. Pode-se, entretanto, vislumbrar, entre os autores editados, em Rodrigo Júnior sua melhor promessa. De qualquer maneira, esse empreendimento ensejou uma intensa movimentação no meio literário. Entre suas contribuições, pode-se salientar o desenvolvimento do padrão gráfico de edição de livros no Estado e,

³² “Os Acontecimentos literários da semana – A Novela Paranaense em ação”. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 21 set. 1928. p. 3.

³³ “O Sexto número da Novella paranaense”. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 19 ago. 1928. p. 6.

³⁴ VIRIATO BALLÃO 28/10/1883. Postalista. Filho de José de Sá Ballão e de Carolina Scheleder Balão nasceu em Curitiba. Funcionário dos Correios. Poeta e prosador. Colaborou em revistas locais. Publicou: “Na voragem”, “novela (1924)” e “Agonia”, novela, “Curitiba, 1928” (Última publicação da “A Novella Paranaense”).

especialmente, a difusão da prosa entre os escritores e leitores locais. Talvez, inclusive, não seja por acaso que nas décadas seguintes o Paraná tenha revelado dois grandes contistas: Newton Sampaio, nos anos 30, e Dalton Trevisan, a partir da década de 40.

Certamente, mesmo enfrentando uma série de dificuldades, a “A Novella Paranaense” foi nos anos 20 - como seus diretores não cansavam de proclamar - o mais “arrojado” empreendimento literário do Paraná. ■

Referências Bibliográficas

- BÓIA, Wilson. *Ensaio - Rodrigo Júnior - poeta*. Curitiba, SEEC, 1990.
- BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro - antecedentes da semana de Arte moderna*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.
- BROCA, BRITO. *A vida literária no Brasil - 1900*. 2. Ed. Rio de Janeiro, Livraria Olympio Editora, 1960.
- CARNEIRO, Newton. *As artes gráficas em Curitiba*. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, Edições Paiol, 1976.
- RODRIGO JR E PLAISANT, Alcebiades. *Antologia Paranaense - tomo I Poesia*. Curitiba, Ed. Livraria Mundial/França e C&A Ltda, 1938.
- SAMWAYS, Marilda Binder. *Introdução à literatura paranaense*. Curitiba, Livros HDV, 1988.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra: ensaios*. São Paulo, Companhia das letras, 1989.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático da metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frenéticos anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras - literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.